

Gênero e relações de poder no trote universitário: implicações para a cidadania

Vera Helena Ferraz de Siqueira, Glória Walkyria de Fátima Rocha
NUTES/UFRJ
Sexualidade e gênero, cidadania, educação
ST 5 - Cidadania x violência na educação: questões de corpo e gênero

Introdução

Apresentamos neste trabalho¹ alguns resultados de pesquisa empírica realizada em universidade pública do Rio de Janeiro sobre a construção identitária de estudantes de medicina por ocasião do trote universitário. Ressaltamos implicações importantes de questões de gênero e sexualidade encontradas nesse “rito de iniciação” e desafios colocados para a universidade na formação para a cidadania. Fundamentam o trabalho referenciais pós-estruturalistas, onde sexualidade e gênero são entendidos como constrictos históricos e assume-se a natureza constitutiva dos discursos.

As características dos rituais do trote variam dependendo do contexto em que ocorrem e dos comportamentos valorizados em determinadas “culturas” estudantis e profissionais. Cada curso é portador de seus próprios valores, teorias, regras de conduta e hierarquias, que, por sua vez, são influenciados pelas estratificações postas pela sociedade maior. Uma multiplicidade de relações de poder ocorre entre cursos e profissões, da mesma forma que internamente a cada profissão: por exemplo, na maioria das sociedades, uma forma de cuidado de saúde, como a medicina científica no ocidente, é prestigiada acima de outras, como a homeopatia e outras formas de “medicina alternativa”. O antropólogo social Cecil Helman refere que os profissionais na medicina adquirem um estatuto social alto, e o papel socialmente legitimado do exercício da cura, que leva consigo desafios, direitos e obrigações (Helman, 2003:101). Hierarquias também ocorrem internamente à profissão – por exemplo, um/a cardiologista geralmente tem mais prestígio do que um/a pediatra ou um clínico geral. Essas marcações de diferenças são produzidas e reproduzidas nos processos formativos, com repercussões importantes na formação identitária dos sujeitos e em sua futura inserção profissional.

Interessa-nos pensar aqui esse/a futuro/a profissional da saúde, que na sociedade contemporânea se socializa e educa em um crescente número de espaços, em relação à questão da cidadania, o que implica olhar brevemente para esse conceito. A visão liberal de cidadania baseada em direitos e deveres sociais, políticos e civis, não da conta de transformações contemporâneas, como a crescente diversidade cultural, processos migratórios e novos movimentos sociais. São

válidas as crescentes críticas a seus pressupostos quanto à existência de um público universal e homogêneo, relegando as noções de particularidades e diferenças para a esfera privada. (Torres, 2001; Giroux, 2003, Mouffe, 1993).

Construções sociais formuladas nos últimos tempos por algumas feministas e pela teoria crítica de raça problematizam as “margens”, “fronteiras”, diferenças e preconceitos, contribuindo para rever omissões do discurso liberal. Como bem apontado por Canclini (1997), a cidadania e os direitos não falam unicamente da estrutura formal de uma sociedade; além disso, indicam o estado da luta pelo reconhecimento dos outros como “sujeitos de interesses válidos, valores pertinentes e demandas legítimas”.

Um processo que se potencializa a partir de rupturas da “modernidade tardia” é o da exclusão: a rejeição ao/a outro/a, considerado/a inferior e diferente. Nas instituições universitárias novas configurações da composição do alunado se dão nos últimos tempos: verifica-se, por exemplo, o aumento do número de mulheres alunasⁱⁱ, reflexo de mudanças sociais e econômicas maiores, com evidentes repercussões na construção identitária de ambos os sexos. E, se ainda refletida timidamente em termos numéricos, existe atualmente uma pressão sem precedentes para o ingresso de indivíduos até hoje excluídos desse nível de ensino – negros e/ou alunos provenientes de escolas públicas. Apesar desses avanços, a universidade pública continua majoritariamente habitada por alunos e professores de classe média e alta, e por brancos; pesquisadores de evidência são na maioria homens e algumas carreiras prestigiadas ainda são majoritariamente masculinas.

Partimos do pressuposto de que o tipo de aprendizagem que ocorre nesses espaços informais terão reflexos no futuro profissional desses estudantes - no tipo de atenção à saúde que prestarão, nas relações que manterão com seus pacientes, na inserção que terão na sociedade como profissionais mais ou menos atuantes, entre outros.

Marcações de diferenças nos espaços não formais da universidade: desafios para a educação

A partir de observações em variados espaços não formais da universidade e entrevistas com estudantes iniciadas em 2006, identificamos que marcações de diferença de gênero e a sexualidade ocupam lugar central não apenas nos trotes, mas também em festas, e diversas celebrações entre os/as alunos/as. Por ocasião dos trotes, como também se dá durante festividades carnavalescas, conforme Rodrigues (2006) libera-se o que no cotidiano é interdito: abusos de palavra, gestos, xingamentos, humilhações. Em outras palavras, infringem-se as expectativas sociais.

Podemos entender os trotes universitários como “tecnologias do eu” no sentido foucaultiano, na medida em que envolvem práticas e representações em que os indivíduos expressam uma certa “verdade” sobre si e sua sexualidade, de modo a se tornarem homens e mulheres de um dado tipo.

Em outro artigo (Siqueira & Rocha, no prelo), indicamos como marcações corporais, verdadeiras inscrições de poder são efetivadas e consentidas – os corpos são pintados, perfilados, os movimentos controlados, e são construídas palavras de ordem, denominações e recomendações. Esses enunciados não apenas representam esses espaços, mas os constituem e subjetivam os indivíduos em relação ao que podem ou não fazer, querer, pensar.

Camisetas com dizeres referentes à “superioridade intelectual” dos estudantes de medicina e cartazes “brincalhões” contendo advertências à violência do trote, com jogos de palavra relacionados à sexualidade se multiplicam pelos corredores do Centro de Ciências de Saúde. Como apontado por Foucault, contrapondo-se a hipótese repressiva, os discursos sobre a sexualidade proliferam na modernidade (Foucault, 1988). No depoimento que segue Carlota^{iiiiiv}, uma aluna de classe social privilegiada, relata sua experiência em relação ao trote:

- Tem outra brincadeira também [no trote] que na época tinha [três anos atrás, quando ingressou no curso], não sei se ainda tem um teatrinho - cada um se veste de alguma coisa e tem a representação. É lá na quadra de esportes. Então tem... Sei lá. A “tiazinha” tem que dançar...
- Para as meninas é diferente dos meninos? Você acha que é difícil tanto para um como para outro?
- Na nossa época eles compraram, acho que 1700 ovos. Eles tacavam com muita força, de doer. De acertar no olho! Tem gente que tomou no olho. Machucou realmente. Eu tomei um na cabeça que doeu, um na coxa, que ficou roxo. Machuca. Eu acho isso desnecessário. É horrível! Horrível! Tem gente que chora.

Foi comum aos múltiplos depoimentos uma reprovação a esse tipo de prática. Entretanto, como veremos adiante, não existe uma resistência efetiva por parte dos/as estudantes. Segue outro trecho de entrevista com essa mesma aluna.

- Então me diga uma coisa, como é ser mulher no curso de medicina?
- Para mim é tranquilo. Mas a gente estava até conversando um dia desses sobre isso, eu tenho preconceito com médica mulher. Eu não gosto de ir à médica mulher. Apesar de eu achar que eu vou ser competente e de conhecer amigas minhas que eu sei que são competentes, eu particularmente não gosto.
- Você conseguiria verbalizar o que é isso, por que isso acontece?
- Sei lá, eu acho que mulher é mais lesada, não sei...
- O que é lesada?
- No sentido de... Não sei explicar, mas em relação à dor, por exemplo. Acho que ela nunca te leva a sério, porque, não sei se é porque é parto, alguma coisa assim... Minha mãe mesmo fala que ela não gosta de obstetra mulher. Possivelmente porque ela teve filho, sabe como é a dor. Homem é mais preocupado. Acho que mulher é mais insegura nesse sentido de chegar e falar. Os homens, não sei, se têm alguma coisa mais de machismo próprio, sabe? É isso e pronto!

O conceito de gênero, formulado por Scott (1990, p.14), ao enfatizar a multiplicidade de relações de forças que agem como marcadoras de diferenças, e a presença de uma dimensão subjetiva na incorporação dessas diferenças, ajuda a captar a complexidade contida no discurso dessa aluna, oriunda de família de classe média/alta, que de forma confusa exprime ter maior

confiança em profissionais de medicina homens, a despeito de ser extremamente bem sucedida (seu CR está entre os mais elevados da turma) em um curso prestigioso como o da Medicina.

Como mostrou Foucault, as relações de poder estão sempre situadas no interior de microlutas, que ocorrem sobretudo entre indivíduos, uns em relação aos outros, e se caracteriza por sua produtividade: “se o poder tivesse apenas a função de reprimir, se agisse apenas por meio da censura, da exclusão, do impedimento, do recalçamento, à maneira de um grande super-ego, se apenas se exercesse de um modo negativo, ele seria muito frágil.” (Foucault, 2003, p.148).

Essa forma de conceber o poder abre perspectiva para se conceber também enfrentamentos, resistências. Ver-se de outra forma, questionar a naturalização da supremacia branca, do masculino e das diferenças de oportunidade para diferentes classes sociais são desafios que alunos/as, professores/as e o sistema educacional devem enfrentar.

Tendo como tema central o poder na sociedade capitalista, Foucault evidenciou como a identidade é produto de uma relação de poder exercida sobre os corpos, movimentos e desejos, situando assim corpo e sexualidade como construções culturais. O sexo aparece como central na caracterização feita pelos alunos sobre a violência do “teatrinho”: Os calouros são assujeitados a uma série de humilhações, como relatou Thales, um estudante do quinto período:

- Quando as pessoas vão representar a peça, juntam veteranos de vários períodos com vários ovos na mão. Tem pessoas que levam caixas de ovos! Levam sacos com caixas de ovos e aí lançam, alguns lançam com força pra... né? Outros já lançam só prá brincar, né, mas essa é a prática que eu considere mais humilhante e por alguns considerada insuportável. Durante o meu trote teve pessoas que se machucaram, outro cortou aqui a testa (...) Teve um rapaz que foi atingido aqui na barriga próximo, né [aponta].
- Regiões genitais?
- Próximo a regiões genitais. Ele estava sem camisa, saiu machucado.
- Ninguém reagiu?
- Houve uma revolta. Inclusive, teve um aluno que pegou um ovo e tacou de volta.(...)
- O que o pessoal comenta depois? Quer dizer, fora os que riem?
- Uns ficam muito sem graça.
- Mas ninguém se rebela?
- Não. Os que se rebelam se rebelam calados. Existe um assim... Quando eu passei pelo trote algumas pessoas ficaram revoltadas, falaram comigo. Eu também fiquei revoltado com algumas coisas, esse tipo de coisa - perguntar se a pessoa é virgem, fazer escorregar. Eu fiquei revoltado e comentei. Eles comentaram, mas ninguém protestou contra os veteranos.

Os/as alunos/as comentam entre eles, muitos/as criticam as situações a que são submetidos/as, mas não estão preparados e não encontram suporte por parte da instituição para encaminhar uma resistência efetiva. A instituição não assume seu papel, se furta até mesmo a fazer uma repreensão aos estudantes, em parte porque os alunos da chamada “turma da bagunça” correspondem às expectativas dos cursos de medicina, à medida que auferem boas notas nos estudos, não infringindo a cultura de excelência solidamente implantada, a qual reflete “a mentalidade empresarial que adentrou instâncias da esfera pública como a universidade” (Giroux, 2003; Veiga Neto, 2002).

Considerações finais

Nossa pesquisa vem confirmando esses espaços não formais da universidade – o trote, grupos “choppadas”, festividades etc. – como importantes locais de construção das identidades e diferenças de gênero e de outros marcadores relacionados. A incidência de violência, apesar de incidir sobre homens e mulheres, ganha maior intensidade sobre o corpo das mulheres e tem um efeito performativo – alunos e alunas constroem suas próprias identidades ao participarem dessas práticas e ao falar sobre elas. Frequentemente na forma de “brincadeiras”, esses eventos instituem significados e verdades.

Parece que falta aos/as alunos/as oportunidades para elaborar um raciocínio e refletir sobre questões que concernem preconceitos, violências e exclusões. Para que as forças de poder exercidas nas relações entre indivíduos sejam desestabilizadas seria necessário que outras formas de subjetivação tivessem lugar. Giroux (2003) sugere que para os/as estudantes universitários/as irem além das questões do entendimento até um envolvimento com as dimensões mais profundas que os/as tornam cúmplices de ideologias opressoras, eles/as devem ser orientados/as para abordar e formular estratégias de transformação pelas quais suas crenças individualizadas possam ser articuladas com discursos públicos mais amplos, que aumentem os imperativos da vida pública democrática. À universidade caberia definir uma política relevante para a formação da cidadania que observasse: a inclusão ao currículo formal - perpassando transversalmente todas as disciplinas - de discussões que problematizem questões de ética, valores e comportamentos; a ocupação de espaços vagos por palestras, debates, exposições de filmes etc. que levassem os estudantes a assumir o caráter construído das diferenças, a conhecer as práticas que historicamente construíram essas diferenças e naturalizaram privilégios para os brancos e homens, e a questionar a meritocracia que impera na universidade e a neutralidade da ciência, entre outros.

Os/as alunos/as seriam assim ajudados/as a entender como se dá a introjeção da violência e/ou da submissão, refletida nas relações que mantêm com os/as outros/as e a deixarem de considera natural, por exemplo, o fato de terem chegado a uma universidade pública e de tantos outros/as estarem excluídos/as da mesma. Reflexão e prática se encontrariam, por exemplo, em projetos de extensão universitária, geralmente tão desvalorizados, mas com grande potencial para a formação da cidadania. A universidade seria um lugar privilegiado para preparar futuros cidadãos, com formação sólida englobando preocupações éticas e sociais, motivados para se engajar na construção da cidadania.

Referências

- BRUSCHINI, C.; LOMBARDI, M.R. & UNBEHAUM, S. Trabalho, renda e políticas sociais. In: O progresso das mulheres no Brasil: <http://www.mulheresnobrasil.org.br>. (acessado em 10 de junho de 2008).
- CANCLINI, N. G. Culturas Híbridas: estratégias para entrar e sair da Modernidade, SP, Ed. USP, 1997.
- FOUCAULT, M. Microfísica do poder. 18ª ed. Rio de Janeiro, Graal, 2003.
- _____. História da Sexualidade 1: a vontade de saber. Rio de Janeiro, Graal, 1988.
- GIROUX, H.A Atos Impuros. A prática política dos estudos culturais. Porto Alegre, Artmed, 2003.
- HELMAN, C. Cultura, saúde e doença. 4ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2003.
- MOUFFE, C. The return of the political. Londres: Verso, 1993.
- RODRIGUES, J.C. Tabu do corpo. 7ª ed. Rio de Janeiro, Fiocruz, 2006.
- SCOTT, J. Gênero: uma categoria útil de análise histórica. Educação e Realidade, vol. 16, nº 2, Porto Alegre, jul/dez 1990.
- SIQUEIRA, V.H.F. A subjetivação de mulheres educadoras pelo cinema. Educação & Realidade, vol. 31, Porto Alegre, jul/dez 2006.
- SIQUEIRA, V.H.F.& ROCHA, G.W. A construção de diferenças de gênero entre estudantes de medicina. Cadernos Pagu. No prelo.
- TORRES, C.A. Democracia, Educação e Multiculturalismo. Dilemas da cidadania em um mundo globalizado. Petrópolis: Vozes, 2001.
- VEIGA NETO, A. De geometrias, currículo e diferenças. Educação & Sociedade, ano XXIII, nº 79, agosto/2002.

ⁱ Trata-se de recorte da Pesquisa “Cidadania e Alteridades: espaços não formais da Universidade e construções identitárias por alunos de medicina e biologia”, apoiada pelo CNPq (Universal/07).

ⁱⁱ Em 2002, 40% dos médicos no Brasil eram mulheres, segundo dados do IBGE. (Bruschini, C; Lombardi, M.R. & Unbehaum, S. 2008).

^{iv} Os nomes mencionados são fictícios.